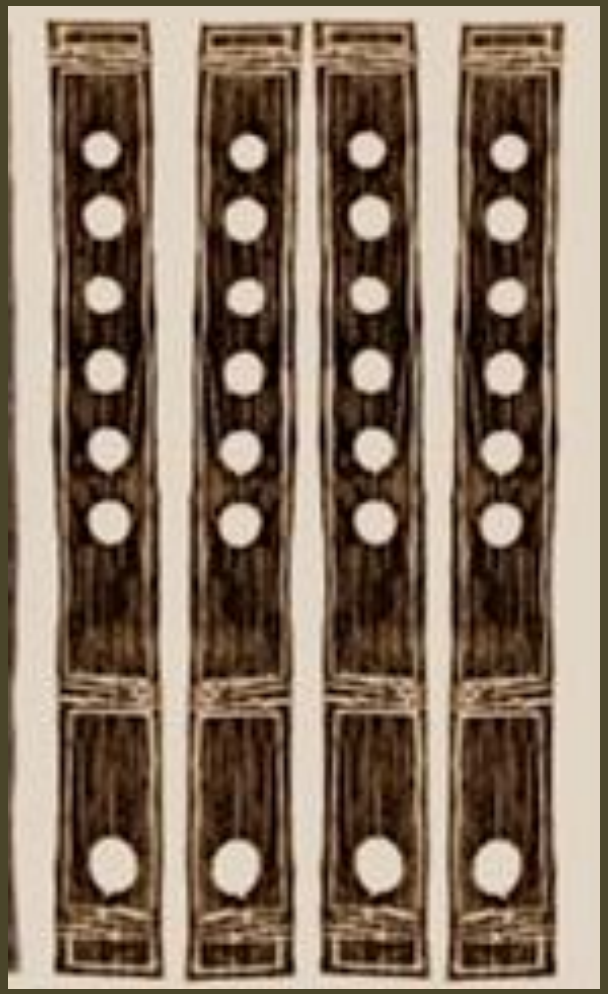
SEBASTIÃO BIANO
e seu Terno Esquenta Muié

Sebastião Biano nasceu em Mata Grande, AL, em 1918 e aprendeu a tocar pífano aos cinco anos de idade. Fundador e último remanescente da formação original da Banda de Pífanos de Caruaru, a música de Sebastião Biano é parte fundamental da construção da identidade e do imaginário brasileiro. Ao longo de sua carreira se apresentou e gravou com artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Geraldo Azevedo e muitos outros, representando o Brasil em diversos países da América e Europa.



A música de Sebastião Biano é parte fundamental da construção da identidade brasileira e seu imaginário. Fundador da lendária Banda de Pífanos de Caruaru, detentor da Ordem do mérito Cultural, de um Grammy Latino e do Prêmio TIM de Música, autor de clássicos da música brasileira como Pipoca Moderna e A Briga do Cachorro com a Onça, Sebastião, aos 93 anos e vitalidade incrível, se reúne a alguns dos melhores músicos da atual cena paulistana para este diálogo com sua música, que resultou no show Sebastião Biano e seu Terno Esquenta Muié. A pesquisa de formas, ritmos e melodias destes gêneros a partir do olhar contemporâneo dos músicos do Terno em diálogo com o vigor musical e o pensamento criativo de Sebastião, trazem a este espetáculo uma sonoridade única.

O projeto Sebastião Biano e seu Terno Esquenta Muié, tem uma formação que nada se assemelha com a tradicional Banda de Pífano. É composto, por sua vez, pela Zabumbateria do músico Eder “O” Rocha (Mestre Ambrósio), pelo baixo de Renata Amaral (A Barca), a viola e a rabeca de Filpo Ribeiro (Pé de Mulambo), e ainda o pífano de seu principal pupilo Júnior Caboclo, que veio substituir o finado irmão Benedito na atual formação da Banda de Pífanos de Caruaru.

O encontro de um mestre tradicional com artistas contemporâneos traz o risco e a graça do improviso e da experimentação, a troca e a descoberta de uma terceira via para o fazer musical, onde limites como cultura erudita e popular, tradição e contemporaneidade, sagrado e profano, devoção e diversão se desfazem. Sebastião Biano e seu terno Esquenta Muié transita sem conflitos entre estes universos com um diálogo estético fundamentado em uma longa convivência com estes gêneros e seus guardiões. Esbanjando vitalidade e paixão pela música – “o dom melhor que Deus me deu”, o repertório deste espetáculo, esculpido pela memória de Sebastião, alia a absoluta simplicidade a uma surpreendente sofisticação que a cultura oral filtra qualitativamente através do tempo. São melodias e ritmos matrizes da nossa música urbana, e por terem influenciado significativamente a formação de gêneros como o samba, o forró e outros, são facilmente assimilados, e através da memória coletiva acessamos referências nas quais reconhecemos nossa identidade cultural.

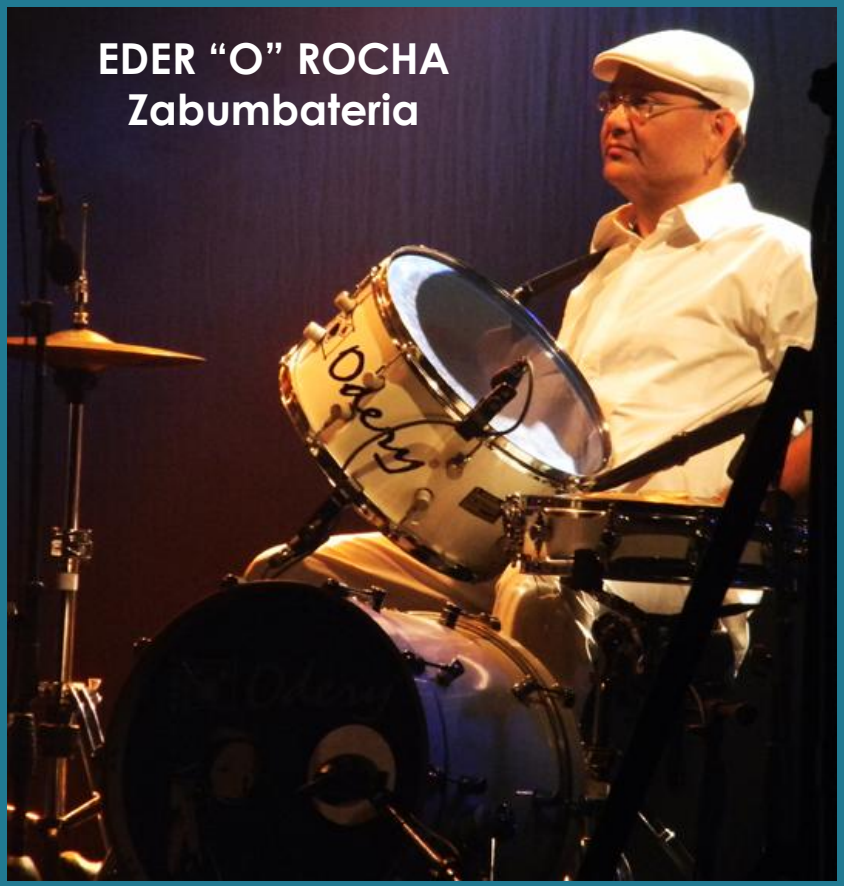
Sebastião Biano e seu terno Esquenta Muié revelam “os Brasis aos brasileiros”, e propiciam sua vivência nos centros urbanos.

Sebastião Biano nasceu em Mata Grande, Alagoas, em 1918 e aprendeu a tocar pífano aos cinco anos de idade. É um dos maiores representantes da cultura popular brasileira, fundador e último remanescente da formação original da Banda de Pífanos de Caruaru.
A música de Sebastião Biano é parte fundamental da construção da identidade e do imaginário brasileiro. Ao longo de sua carreira e junto à Banda de Pífanos de Caruaru se apresentou e gravou com Caetano Veloso, Gilberto Gil, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Geraldo Azevedo, Marinês e muitos outros, representando o Brasil em diversos países da América e Europa.

Em 1939 se estabelecem em Caruaru, e a Banda, formada por se pai, tios e irmãos recebe o nome que marcaria a tradição musical brasileira. Cultivada ao longo de décadas pela família Biano, em 1972 gravam seu primeiro disco "Banda de Pífano Zabumba Caruaru", e imediatamente são descobertos por artistas como Caetano Veloso e Gilberto Gil, que gravam suas músicas, e viajam a São Paulo e Rio de Janeiro para participar de gravações e documentários.
Na década de 80 Sebastião se estabelece em São Paulo, deixando finalmente o trabalho na lavoura para se dedicar prioritariamente ao trabalho da Banda. Em 2004, o grupo recebeu o prêmio de *Melhor Álbum de Música Regional ou de Raízes Brasileiras* na 5ª edição do Grammy Latino e em 2005 recebem o Prêmio TIM de Música como melhor grupo na categoria regional.

Em 2006 Sebastião Biano recebe das mãos do presidente Lula a Ordem do Mérito Cultural, pelos serviços prestados à cultura Brasileira.
Autor de clássicos da música brasileira como Pipoca Moderna e A Briga do cachorro com a Onça, aos 93 anos e impressionante vitalidade e paixão pela música, - "o dom melhor que Deus me deu" – Sebastião Biano se apresenta incansavelmente com a Banda de Pífanos e com seu novo trabalho, o Terno Esquenta Muié.

Sebastião narra seu encontro com Lampião
http://www.youtube.com/watch?v=RCijnWrA7O0



Músico e produtor musical pernambucano, especialista em ritmos brasileiros está radicado em São Paulo há 15 anos. Articulista, escreve periodicamente para as revistas Batera, Groove e Percussão Brasileira. Ministra oficinas e aulas de música em todo o Brasil e exterior.

Começou como profissional em 1984, na Orquestra Sinfônica Juvenil de Olinda. Em 1987, ingressou na Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte. De 1991 a 1993, trabalhou na Banda Sinfônica da Cidade do Recife e na Orquestra Sinfônica do Recife. Paralelamente ao trabalho junto às Orquestras, trabalhou ao lado de Silvério Pessoa entre 1984 e 1988, e com a Orquestra de Frevo de Mestre Duda até 1990. Em 1991 formou o grupo de percussão Angaatãnàmú, com alunos do CPCMR, tendo como referência ritmos africanos e afro-brasileiros.

Em 1992, criou o grupo Mestre Ambrósio, com os músicos pernambucanos Hélder Vasconcelos e Siba, com o qual fez sólida carreira internacional apresentando-se em diversos festivais na Europa e EUA entre 1992 e 2003. É batuqueiro do Maracatu Nação Estrela Brilhante de Recife desde 1993, grupo com 100 anos de fundação em Recife.

Em São Paulo fundou a escola de percussão popular Prego Batido, onde ministra oficinas de ritmos pernambucanos e organiza encontros com mestres populares.
Ministrou diversas oficinas de percussão, de onde surgiu, em 2000 o grupo “Olho da Rua” sob sua direção, que desenvolve importantes trabalhos de arte educação em áreas de risco social na cidade de São Paulo.

Lançou em 2002 seu disco solo O Circo do Rocha – Estreando: Filho de Santos (independente). Como produtor musical trabalhou nos CDs de Renata Rosa, Grupo Afetos, Elefante Groove e outros. Assinou as trilhas sonoras dos espetáculos “AnimAção” (Cia.Cênica Nau de Ícaros), Artérias (Cia. Nova Dança 2), “Cidade” (Núcleo OMSTRAB) e participou de gravações em discos de vários artistas, para citar alguns: Chico César, Zeca Baleiro, Antonio Nóbrega, Nação Zumbi, Mundo Livre S/A, Zélia Duncan, Herbert Viana, Orquestra Popular do Recife, Mário Seve, A Barca, entre outros. Seu livro Zabumba Moderno,é um método de música tradicional escrito para zabumba, lançado sob patrocínio da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco.

Formada em Composição e Regência pela UNESP, como contrabaixista tem se apresentado em todo o Brasil e Europa ao lado de grupos e intérpretes como Tião Carvalho, Suzana Salles, Alessandra Belloni, Maria Preá e Roda de Choro em São Paulo, Itiberê Zwarg no Rio, Orquestra Popular do Recife em Pernambuco, Dona Teté no Maranhão. Em 1998 criou o grupo A Barca, com quem lançou 3 CDs e realizou mais de 500 apresentações em dezenas de cidades do Brasil e América do Sul, em projetos de circulação, registro e arte educação.

Desde 1991 viaja pelo Brasil formando um acervo de mais de 800 horas de registros audiovisuais e 15.000 fotos de tradições populares. É coordenadora da Maracá Cultura Brasileira, e dirigiu e produziu importantes registros de cultura popular como os CDs, livros e DVDs: TAMBOR DE MINA NA VIRADA PRA MATA-Casa Fanti Ashanti, MA; BAIÃO DE PRINCESAS, Fanti Ashanti e Barca; KUARAY'I YWY RUPÁRE, livro Guarani; AMJËKÎN CD triplo; TAMBOR DE MINA RAIZ NAGÔ, Casa Fanti-Ashanti; CARIMBÓ OS QUENTES DA MADRUGADA, PA; RITMOS AFRICANOS NO XANGÔ DO RECIFE -PE; REISADO E GUERREIRO-CE; MENSAGEIROS GUARANI, SP; DVD RIO DO MIRINZÁ e CD ESTRELA BRASILEIRA, do Bumba Boi de Maracanã, OLHA O MATEUS! Orquestra Popular do Recife e NHAMANDU WERÁ Povo Guarani, SC; CD BOI DE ENCANTADO, DVD PEDRA DA MEMÓRIA.

Idealizou e coordenou o Projeto Turista Aprendiz do grupo A Barca, que com apoio da Petrobras percorreu mais de 10mil km pelo Brasil, gravando, fazendo shows e oficinas em 44 comunidades tradicionais de 27 municípios de 9 estados brasileiros, resultando em um acervo de mais de 350hs de registros em áudio e vídeo e 6.000 fotos. Este material foi finalizado nas caixas TRILHA, TOADA E TRUPE *(2006)*, com 3 CDs e um DVD documentário e COLEÇÃO TURISTA APRENDIZ, com mais 7 CDs e um DVD com 7 curtas documentários.

Foi finalista do Prêmio Claudia Cultura e ganhou o prêmio de Melhor Instrumentista no Festival de Avaré. Ministra cursos e oficinas com foco em Cultura Popular Tradicional em espaços como o Projeto TIM, Recreio nas Férias (Prefeitura SP), Festival de Garanhuns (PE), Espaço CUCA da UNE, Projeto Guri, Casa de Cultura Tainá, Universidade Federal de São Carlos, Santander Cultural (RS), Universidade do Estado de Santa Catarina, Espaço Pró Musica (BH) entre outros. Coordenou por dois anos o Projeto Trilha, do instituto Votorantim. Recebeu duas vezes o Prêmio Interações Estéticas da Funarte, realizando residências artísticas no Maranhão e no Benin que renderam CDs, exposições e documentários.

Cursou a escola de música José Ladislau Pimenta na cidade de Cabo de Santo Agostinho-PE em 1982 a 1986. Onde iniciou seus estudos de saxofone com o Maestro Agrício Brás dos Santos.

Integrou como saxofonista a Orquestra Filarmônica XV de Novembro Cabense de 1987 a 1991, e em 1992 fez parte da Banda da Base Aérea do Recife como saxofonista.

No Centro de Criatividade Musical Profissionalizante do Recife em 2004, fez curso de saxofone com Inaldo Almeida (Spok), Gilberto Pontes e Fábio Vasconcelos.

Participa da Orquestra Show de Frevo, desde 1998, liderada pelo Maestro Lucivalte Alves (Base aérea do Recife) – Recife – PE.

2006: Participação no I encontro de música instrumental de Guarulhos - SP. Música: Baião Pifado (Júnior Kaboclo)

2008: Participação no CD Retalhos Brasileiros – Nós vamos fazer música II – Coordenado pelo Maestro Vanderlei Banci. – Guarulhos – SP.

Em 2010 e 2013, participa da Orquestra multicultural do Recife como saxofonista no encerramento do carnaval. Sob a regência dos Maestros: Inaldo Almeida (Spok), Ademir Araújo, Guedes Peixoto, José Meneses, Duda e Edson Rodrigues.

Atualmente toca com a Banda de Pífanos de Caruaru, Pesquisa sobre a musica Brasileira e leciona aulas de Saxofone, Flauta e Pífano.

Filpo Ribeiro estudou Violão Popular e Teoria Musical na Universidade Livre de Música (atual Centro de Música Tom Jobim), e Percepção Musical na ECA (Escola de Comunicações e Artes) através dos cursos de extensão oferecidos pela USP. Atualmente cursa Bacharelado em Violão Popular na Faculdade de Artes Alcântara Machado (FAAM). Realiza diversos trabalhos com Viola Caipira, Rabeca e Violão. É um dos criadores do grupo Jovens Fandangueiros do Itacuruçá da Ilha do Cardoso, que desde o ano 2000 se apresenta com as tradições do Fandango Caiçara da região de Cananéia.

Durante dois anos trabalhou junto ao grupo Paranapanema pesquisando e executando repertório baseado no samba paulista, congadas e batuques de umbigada. Com o grupo Guarará participou do projeto "Guarará é Batido com a Mão!", aprovado pelo Programa de Ação Cultural da Secretaria de Estado da Cultura. O projeto circulou por seis cidades do litoral e interior o Estado, realizando shows e oficinas com os grupos tradicionais locais. O grupo ainda foi contemplado no programa Petrobrás Cultural 2008/2009 realizando gravações de músicas inéditas e autorais.

Acompanha em shows e gravações o cantor e compositor capixaba Jonathan Silva e a banda Maria Preá, gravando respectivamente os discos "Benedito" e "Avesso", o último com a direção musical de André Magalhães. Em 2008 participou do terceiro CD da banda pernambucana Comadre Fulozinha e gravou o CD "O Alumioso" do violonista, violoncelista e rabequeiro Di Freitas (Juazeiro do Norte/CE), sob direção musical de Lincoln Antônio, participando do show e da gravação do programa "Instrumental Sesc Brasil". Ainda em 2008 teve seu trabalho solo "Vazante" contemplado pelo edital "Teatro Popular do Sesi", fazendo um circuito de shows nos teatros do Sesi do interior e grande São Paulo.
É integrante e fundador do grupo Pé de Mulambo, ao lado dos músicos Guluga (Recife/PE) e Rone Gomes (Olinda/PE), cujo trabalho reúne composições próprias e temas tradicionais relacionados ao universo da Rabeca Brasileira e da Viola Caipira. Lançou em 2011 o CD "Segura Essa Munganga aí, Menino!" (Selo Cooperativa de Música/Tratore), assinando a direção musical ao lado de Marcos Alma e a produção executiva. O disco foi premiado no mesmo ano pelo edital ProAC (Programa de Ação Cultural) da Secretaria de Estado da Cultura, resultando numa série de shows no estado de São Paulo.

A BANDA DE PÍFANOS é uma brincadeira cabocla, mulata e cafuza encontrada em toda em todo nordeste do Brasil, principalmente no sertão e nos arredores rio São Francisco. Tem sua origem nas bandas do período colonial que vieram com os ibéricos, para o Brasil. Seus instrumentos foram adaptados, de acordo com o ambiente local: as flautas, feitas com tabocas, têm influência indígena e os tambores – caixa e zabumba – são herança direta dos negros africanos. Possui varias denominações, conforme o estado em que está localizada: no Ceará, é chamada de "banda" ou "ternos cabaçais" ou, ainda, "terno de couro" ; em Pernambuco, "banda" ou ternos de pífanos"; em Alagoas, "esquenta-mulher"; em Sergipe, "zabumba" ou "terno de zabumba".

Repertório

Samba Moderno (Sebastião Biano)
Os Carneiros (Sebastião Biano)
Dois Ritmos (Sebastião Biano)
Indo e Voltando (Sebastião Biano)
Baiano de Novena (Sebastião Biano)
Engana Zabumbeiro (Sebastião Biano)
Samba e Tango (Sebastião Biano)
Dia de Santo Antonio (Sebastião Biano)
Bendito (Sebastião Biano)
Pipoca Moderna (Sebastião Biano)
Laura (Sebastião Biano)
Marcha Lenta (Sebastião Biano)
Soldado Brasileiro (Sebastião Biano)

Ficha técnica

Sebastião Biano – Pífano
Junior Caboclo – Pífano
Eder "O" Rocha – Zabumbateria
Renata Amaral – Baixo
Filpo Ribeiro – Viola e Rabeca

Produção executiva – Rafaella Nepomuceno
Engenheiro de som - Beto Mendonça
Produção / direção musical – Terno Esquenta Muié

MÚSICA Aos 90 anos, Sebastião Biano é uma das estrelas da Banda de Pífanos de Caruaru, descoberta em 1972 por Gilberto Gil

Pipoca mais que moderna

João Wainer/Divulgação

A Banda de Pífanos de Caruaru tem 85 anos de atividade, arte passada de pai para filho no interior pernambucano

» IRLAM ROCHA LIMA

A Banda de Pífanos de Caruaru (PE) tinha quase 50 anos de atividade, quando foi descoberta pelo grande público. O responsável por apresentá-la ao Brasil foi Gilberto Gil, ao incluir no LP *Expresso 2222* (1972) o tema instrumental *Pipoca moderna*. Depois Caetano Veloso colocou letra e a gravou no álbum *Jóia* (1975).

"Nosso trabalho já era bem conhecido em Pernambuco e em Alagoas, pois o grupo tocava bastante em cidades desses estados. Aí, ao voltar do exílio em Londres, o Gilberto Gil foi a Caruaru fazer pesquisa musical e tivemos um encontro na prefeitura. Tocamos *Pipoca moderna*, ele ficou entusiasmado com o que ouviu e gravou na hora. Para nossa surpresa, registrou a música no *Expresso 2222*. A partir dali as coisas mudaram para nós", recorda-se João Biano, neto de Manoel Clarindo Biano, criador da banda.

Representante da segunda geração dos Biano, João, que toca zabumba e é vocalista, lidera a Banda de Pífanos de Caruaru há 35 anos. Hoje, às 13h (com entrada gratuita) e às 21h (com ingressos a R$ 15 e R$ 7,50) o grupo se apresenta no teatro do Centro Cultural Banco do Brasil em show pelo projeto Epifanias. Da atual formação fazem parte Sebastião Biano (1º pífano), Júnior Biano (2º pífano), José Clarindo (prato), Amaro Clarindo (surdo), Jadelson Biano (percussão) e João Gonçalo Biano (caixa).

"Sebastião Biano, aos 90 anos é o mais antigo da banda. Ele vem desde a segunda formação. O Jadelson e o João Gonçado, meus filhos, são da quarta geração dos Biano. Quando entrei para a banda, aos 8 anos de idade, meu avô Manoel Biano era o líder. Com ele tentei aprender a tocar pífano, mas como achei muito difícil, acabei tocando zabumba, pois queria estar com eles", revela João, que entrou para o grupo em 1956.

Com 85 anos de vida, a Banda de Pífanos de Caruaru lançou poucos discos — apenas oito. São seis LPs e dois CDs. Com o mais recente, *No paito do forró do século 21*, conquistou o Grammy Latino em 2005. "Por causa dessa premiação fomos homenageados em Caruaru, com desfile em carro aberto, e ganhamos aplausos de mais de 70 mil pessoas", conta, orgulhoso, o zabumbeiro de 65 anos.

No show pelo Epifanias, haverá predominância de temas instrumentais como *Briga do cachorro com a onça*, *Olinda no frevo*, *Pipoquinha* e *Um de cada vez*. Da parte da cantoria farão parte *Cantada* e *Marina* (João Biano), *Pipoca moderna* (Sebastião Piano e Caetano Veloso) e *Forrozear* (Geraldo Azevedo e Carlos Fernando).

Pífanos Flautins Matuá

O Grupo de Pífanos Flautins Matuá, que abre o show desta noite no CCBB surgiu em 2002 no campus da Unicamp, em Campinas (SP), por universitários. Em folgas acadêmicas, eles se encontravam na praça do Ciclo Básico para trocar melodias, partituras e experiências musicais e cênicas. Um ano depois, o trabalho ganhou propostas objetivos e propostas, com a participação de flautistas interessados em desenvolver pesquisas relacionadas aos ritmos brasileiros. Atualmente, o Pífanos Flautins Matuá é composto por nove tocadores de pife e cinco percussionistas, que buscam o pluralismo musical, inspirados em manifestações populares brasileiras. Do grupo fazem parte pessoas das mais diferentes áreas do conhecimento, e de diversas regiões do país, cracterizando um movimento contínuo de pesquisa, releitura e criação no âmbito da cultura popular.

BANDA DE PÍFANOS DE CARUARU

Show pelo projeto Epifanias, com a participação do Grupo de Pífanos Flautins Matuá, de São Paulo, hoje, às 13h (com entrada gratuita) e às 21h (com ingressos a R$ 15 e R$ 7,50, meia para estudantes, maiores de 65 anos e correntistas do Banco do Brasil). No teatro do Centro Cultural Banco do Brasil (Setor de Clubes Sul). Classificação indicativa livre. Informações: 3310-7081.

www.correiobraziliense.com.br

Ouça trecho das músicas *Balão Azul* e *Marina* da Banda de Pífanos de Caruaru

MASAO GOTO FILHO/E-SIM

BANDA DE PÍFANOS DE CARUARU A sabedoria popular do Sertão para o Brasil

"No Ceará é Cabaçal; em Alagoas, *Esquema Mulher*; em Pernambuco e na Paraíba, *Terno* ou *Zabumba*. No resto do mundo, banda de pífanos, uma orquestra rústica, com pífanos de taboca, tambores, caixa, taroi e pratos de metal. Diz a lenda que, na sua origem, a função da bandinha era tirar esmola para o Divino Espírito Santo e para os padroeiros de vilarejos do interior nordestino. A passagem de uma banda de pífanos era certeza de festa, de molecada na rua seguindo a música.

BANDA DE PÍFANOS DE CARUARU

Seu som ficou conhecido no sul do País depois de aparecer na trilha de dois filmes nacionais dos anos 70. Quando Gilberto Gil gravou *Pipoca Moderna*, no disco *Expresso 2222*, todo mundo descobriu a Banda de Pífanos de Caruaru. Mas a verdadeira história começa muito antes, mais precisamente em 1924, no sertão alagoano, quando o caboclo Manoel Clarindo Biano herdou quatro instrumentos de seu pai: um bombo (que é um tambor afinado a corda), um prato e dois pífanos de taboca. E, mais do que isso, a obrigação de não deixar morrer a tradicional Zabumba Cabaçal, criada por seu avô e que o pai preservava com muito carinho.

O primeiro passo foi ensinar os antigos toques – muitos dos quais aprendidos com os índios – aos filhos Sebastião, de cinco anos, e Benedito, de 11. Um amigo, Martinho Grandão, assumiu a caixa e o próprio Manoel se ocupou do bombo.

O som pastoril ecoava por novenas, enterros, missas, casórios e o que mais viesse pela frente, levando a família Biano a percorrer quase todo o sertão entre *Alagoas e Pernambuco*. Em 1939, se instalava em Contendo, nas proximidades da zona urbana de Caruaru, e se apresentava sob o nome de Zabumba dos Contendo.

O ano de 1965 registraria a perda do patriarca Manoel Biano, que pediu aos dois filhos para honrar a tradição de seus antepassados. Luiz, de nove anos, e Amaro, de 10 (filhos de Sebastião), Gilberto de 15 anos, e João, de 11 (filhos de Benedito), se juntaram aos veteranos para formar uma nova "orquestra" batizada de Banda de Pífanos de Caruaru. Não eram tempos fáceis, pois música e fama não garantiam a comida na mesa. O jeito foi trabalhar numa roça de mandioca e feijão.

Em 1972, a gravação de Gil desencadeou uma grande transformação: o lançamento do primeiro LP, *Banda de Pífano Zabumba Caruaru*, a transferência do grupo para São Paulo e uma rotina de apresentações em documentários, shows, discos de outros artistas, viagens internacionais.

A influência deles chegou ao Quinteto Violado, Alceu Valença, Orquestra Armorial. Dois novos discos foram lançados, entre 1979 e 80 –*Banda de Pífanos de Caruaru e A Bandinha vai Tocar* –, e mais um em 1999, *Tudo Isso é São João*, com repertório junino, o que nunca foi a principal característica do grupo. Como vários artistas populares, a Banda de Pífanos de Caruaru sempre teve muito prestígio, mas pouco dinheiro. Hoje, seus integrantes Biano Amaro (surdo), Gilberto (taroi), João (bombo), José (pratos) e Sebastião (pífanos) desabafam: "Nunca recebemos o justo". Ainda está em tempo.

MÚSICA *Evento, que acontecerá às terças-feiras e se estenderá por Rio e Brasília, tem início com a Banda de Pífanos de Caruaru*

Ciclo do CCBB resgata o forró e suas origens

Fotos Divulgação

A Banda de Pífanos de Caruaru, que se apresenta hoje dentro do projeto Forró de Cabo a Rabo

JANAINA ROCHA
FREE-LANCE PARA A FOLHA

Coco, rojão, xote, baião, xaxado, embolada, toada, aboio, maracatu, reisado e arrasta-pé são alguns dos gêneros e danças da música popular nordestina que vão tomar conta das terças-feiras deste mês no Centro Cultural Banco do Brasil (CCCB), em São Paulo. O projeto chama-se Forró de Cabo a Rabo e acontece também no CCBB do Rio, em julho, e, em agosto, no CCBB de Brasília.

O evento começa com as apresentações da Banda de Pífanos de Caruaru, Seu Nelson da Rabeca e do grupo Xaxados e Perdidos. Em comum, segundo a co-idealizadora do projeto, Paula Brandão, as três atrações se remetem, de alguma forma, à origem do baile popular conhecido como forró, seu nome mais vulgar.

"Mesmo com o grupo Xaxados e Perdidos, que é da geração do forró universitário, a idéia do instrumental original, por exemplo, se mantém, no caso o triângulo, a zabumba e a sanfona", diz ela.

Entretanto, o mote principal das apresentações de hoje é a variedade dos ritmos tradicionais presentes numa festa nordestina, e por isso o subtítulo de "No Meu Pé-de-Serra - As Origens do Forró" para nomear os encontros. A Banda de Pífanos de Caruaru e o alagoano Seu Nelson da Rabeca são, de fato, uma prova viva da tradição e da diversidade.

A Banda de Pífanos é, antes de tudo, uma reunião musical da família Biano, que, entre outras coisas, animou festas de Lampião. O grupo formado em 1924 pelo trabalhador rural e zabumbeiro Manoel Biano, na região de Mata Grande (AL), já tem membros das segunda e terceira gerações.

O senhor Sebastião, o integrante mais velho, com 85 anos, é também o principal tocador de pífano do grupo. "Da nossa família, apenas seu filho aprendeu, e ele tentou ensinar a todos, mas é um dos instrumentos de sopro mais difíceis", afirma o tocador de zabumba e compositor João Biano. Além de tocar pífano, Bastião, como é chamado, confecciona o instrumento e os vende nos shows.

Para hoje, segundo João, o repertório será dançante, algo que até parece redundante. "No Sul e Sudeste há uma preferência de mostrar a qualidade festiva e dançante da música popular nordestina, mas, como o choro, ela é, sobretudo, instrumental e feita para escutar", conta ele.

A próxima terça conta com a presença dos trios Virgulino e Balanço Bom. O projeto também terá shows de Zé Calixto e Xangaí.

FORRÓ DE CABO A RABO. Onde: CCBB (r. Álvares Penteado, 112, SP, tel. 0/xx/11/3113-3651). Quando: às terças, às 13h e às 19h30. Quanto: R$ 6.

POR RAFAEL ANDERY | FOTOS MORENA BUSER

BAILE PERFUMADO

AOS 93 ANOS, O MÚSICO SEBASTIÃO BIANO **JÁ VIVEU HISTÓRIAS DIGNAS DE GRACILIANO RAMOS, INSPIROU GILBERTO GIL, SOBREVIVEU A UM ENCONTRO COM LAMPIÃO E AINDA FAZ MÚSICA**

Sebastião Biano é um homem que teve pouco, viveu muito e viu de tudo. Prestes a completar 94 anos, é o único membro remanescente da formação original da Banda de Pífanos de Caruaru, fundada por seu pai, Manoel, em 1924, quando Sebastião tinha apenas cinco anos.

No mundo do menino Sebastião, muita coisa era diferente. "Música" era "toque", e "músico", "tocador". Longe da cidade, o primeiro contato com a melodia veio dos assobios do avô Clarindo. "O povo era pouco. As pessoas nem sabiam conversar, porque não tinham com quem conversar", conta.

A Banda de Pífanos de Caruaru era composta ainda por seu irmão Benedito, então com oito anos, e um primo, Martinho, também criança. E só. Seu Manoel fazia o grupo tocar uniformizado, todo de branco e usando chapéus de couro, para se destacar das outras bandas de pífano (espécie de flauta) da região. As roupas eram feitas pelo próprio Manoel e permanecem uma tradição até hoje.

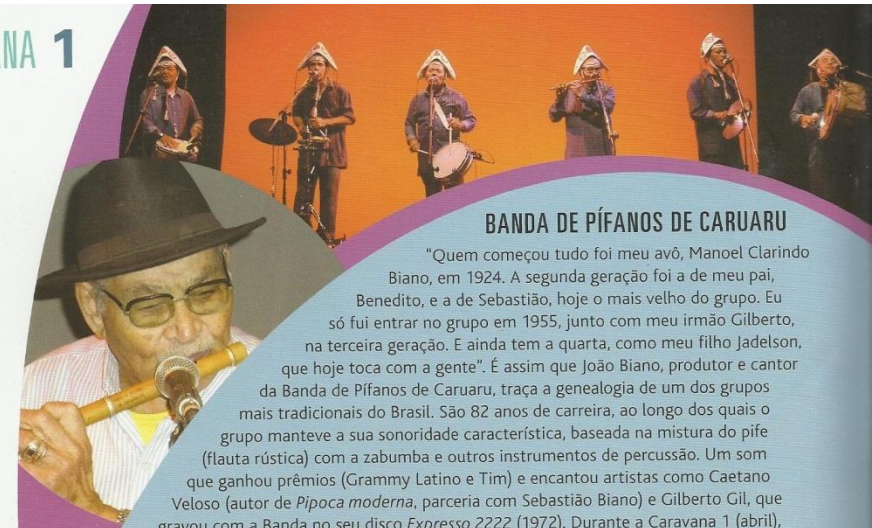
Em 1926, a família Biano começou a vida de retirante, deixando a cidade natal, em Alagoas, a caminho de Juazeiro do Norte, no Ceará, em busca de uma bênção do Padre Cícero. Os anos seguintes foram de andanças pelo Nordeste, ora na Paraíba, ora no Ceará, às vezes em Pernambuco, outras na Bahia. Foi a primeira turnê da Banda de Pífanos de Caruaru.

Sebastião acabou não conhecendo o padre, mas durante a viagem cruzou com outra figura lendária do sertão brasileiro. O músico tocava em uma festa quando saiu do mato Lampião, acompanhado por 50 cangaceiros. Ele se aproximou dos meninos da família Biano e pediu que tocassem o seu "toque". "Nessa hora, fiquei ensopado de mijo", conta o músico. A banda apresentou a sua versão do toque a Lampião, que, satisfeito, disse aos cangaceiros: "Tão vendo? Desse tamanho e já sabem tocar. Vocês que são velhos não tocam piroca nenhuma!".

Não só o guri sabia tocar como desde os dez anos Sebastião fabrica os instrumentos da banda: caixa, surdo, zabumba e, claro, os pífanos. Até hoje os pífanos utilizados pelo grupo são feitos pelo músico, que já presenteou nomes como Gilberto Gil e Hermeto Pascoal com o instrumento.

Sebastião deixou Caruaru com sua família para vir morar em São Paulo em 1976. O ônibus em que veio o deixou próximo à represa de Guarapiranga. A 400 metros do ponto, construiu a sua casa, onde mora até hoje. Criou 14 filhos, uma infinidade de netos e bisnetos –diz que "apenas um computador pra saber quantos são"– e hoje tem dois tataranetos, seus xodós.

O Brasil, a música e tudo o mais mudaram muito ao longo da vida de Sebastião. Ele, nem tanto. Apesar de já ter corrido mundo por lugares como Mata Grande (AL), Bonito de Santa Fé (PB), Belo Jardim (PE) e São Paulo, ainda faz a mesma coisa que fazia há quase 90 anos. "E ainda dá pra fazer por mais uns 20", prevê o incansável Sebastião.



BANDA DE PÍFANOS DE CARUARU

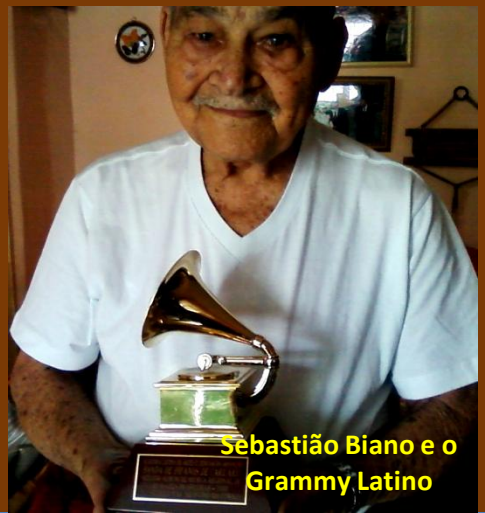
"Quem começou tudo foi meu avô, Manoel Clarindo Biano, em 1924. A segunda geração foi a de meu pai, Benedito, e a de Sebastião, hoje o mais velho do grupo. Eu só fui entrar no grupo em 1955, junto com meu irmão Gilberto, na terceira geração. E ainda tem a quarta, como meu filho Jadelson, que hoje toca com a gente". É assim que João Biano, produtor e cantor da Banda de Pífanos de Caruaru, traça a genealogia de um dos grupos mais tradicionais do Brasil. São 82 anos de carreira, ao longo dos quais o grupo manteve a sua sonoridade característica, baseada na mistura do pife (flauta rústica) com a zabumba e outros instrumentos de percussão. Um som que ganhou prêmios (Grammy Latino e Tim) e encantou artistas como Caetano Veloso (autor de *Pipoca moderna*, parceria com Sebastião Biano) e Gilberto Gil, que gravou com a Banda no seu disco *Expresso 2222* (1972). Durante a Caravana 1 (abril), a Banda mostrou que continua afiada, sacudindo platéias paulistas e catarinenses.

"A gente fica com prazer de se apresentar pra esse povo que nos dá muito valor. Em todos os lugares era assim. A gente ficava voando, quase sem força para agradecer, de tão grande que era a emoção", lembra o alagoano Sebastião Biano. Aos 87 anos, o titular do único pífano da Banda esbanjou vitalidade durante a turnê. "Não fiquei cansado com a viagem, não. O pessoal estava sempre cuidando de mim, preparando uma cadeira para eu me sentar, mas não precisava. Eles é que precisavam!", brinca. A memória também é de garoto. Não tem dificuldade, por exemplo, de lembrar em detalhes o dia em que tocou para o bando do cangaceiro Lampião, ainda com oito anos. "Parece que estou vendo: aqueles homens fedorentos, com aquele cheiro de quem vive dentro do mato, suando, com a mesma roupa. Uma feiúra danada!".

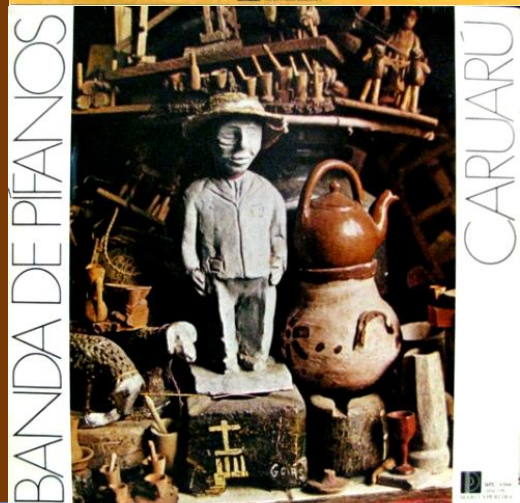
Sebastião, o pai Manoel e o resto da Banda tocavam numa festa religiosa numa fazenda da localidade de Olho D'Água dos Brunos, em Pernambuco, quando Lampião apareceu, já de manhã. "Aí ele olhou para nós: 'Meninos, estou vendo vocês com esses instrumentos... Vocês são tocador. Vocês sabem tocar meu toque?' Cadê que a gente sabia? Mas a voz saiu fininha: 'Nós sabe, sim senhor...' Sabia coisa nenhuma. Só que o pessoal do bando começou a assoviar o toque e nós aprendemos ali, na hora. Começamos a tocar e o bando a cantar, fazendo uns versos bonitos de chorar: 'Tenente Zé das Neves subiu no nevoeiro/ Com medo do galope/ Do rifle dos cangaceiros/ As moças de Vilas Belas/ Não têm mais ocupação/ Bota queijo e rapadura/ No borná de Lampião'". Para alívio do grupo, o cangaceiro gostou da apresentação. "Aí a gente ficou mais alegrinho", conta Sebastião.

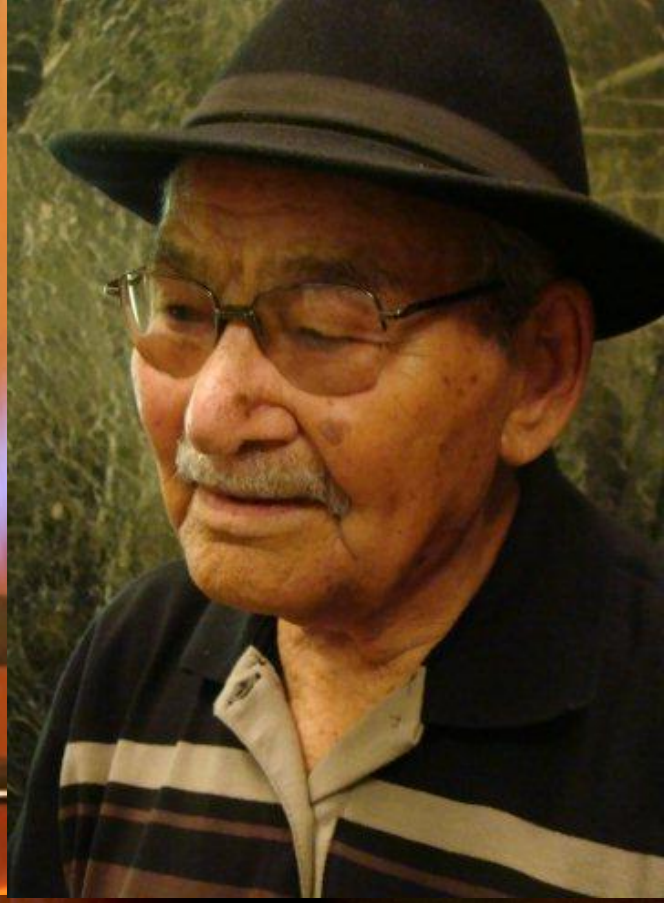
Por sua vez, Sebastião também aprovou os companheiros de estrada. "Dois bons cantadores", elogia. O grupo logo entrou em sintonia, conta seu sobrinho João Biano. "A praia do Gilvan é a mesma que a nossa e a Cris também é uma maravilha, com aquela MPB de arranjos diferentes e a proposta de divulgar a obra do Xerêm, um homem forte na cultura do Nordeste". Além disso, a base da trupe era a Banda de Pífanos. "Nosso entrosamento vem de família, passado de uma geração para outra. Tanto que a gente nem ensaia mais. Só se junta quando tem show, aí todo mundo já sabe o que tem que fazer. Somos o grupo mais velho do mundo!", garante João.

Sebastião Biano recebendo a Ordem do Mérito Cultural em 2006



Sebastião Biano e o Grammy Latino





MARACÁ

contatos

(11) 4324 8978
(11) 9 8306 5344
maraca6@gmail.com
reamaral9@gmail.com

www.barca.com.br
www.ponto.mus.br
www.maraca.art.br/pedradamemoria
www.acervobarca.com.br